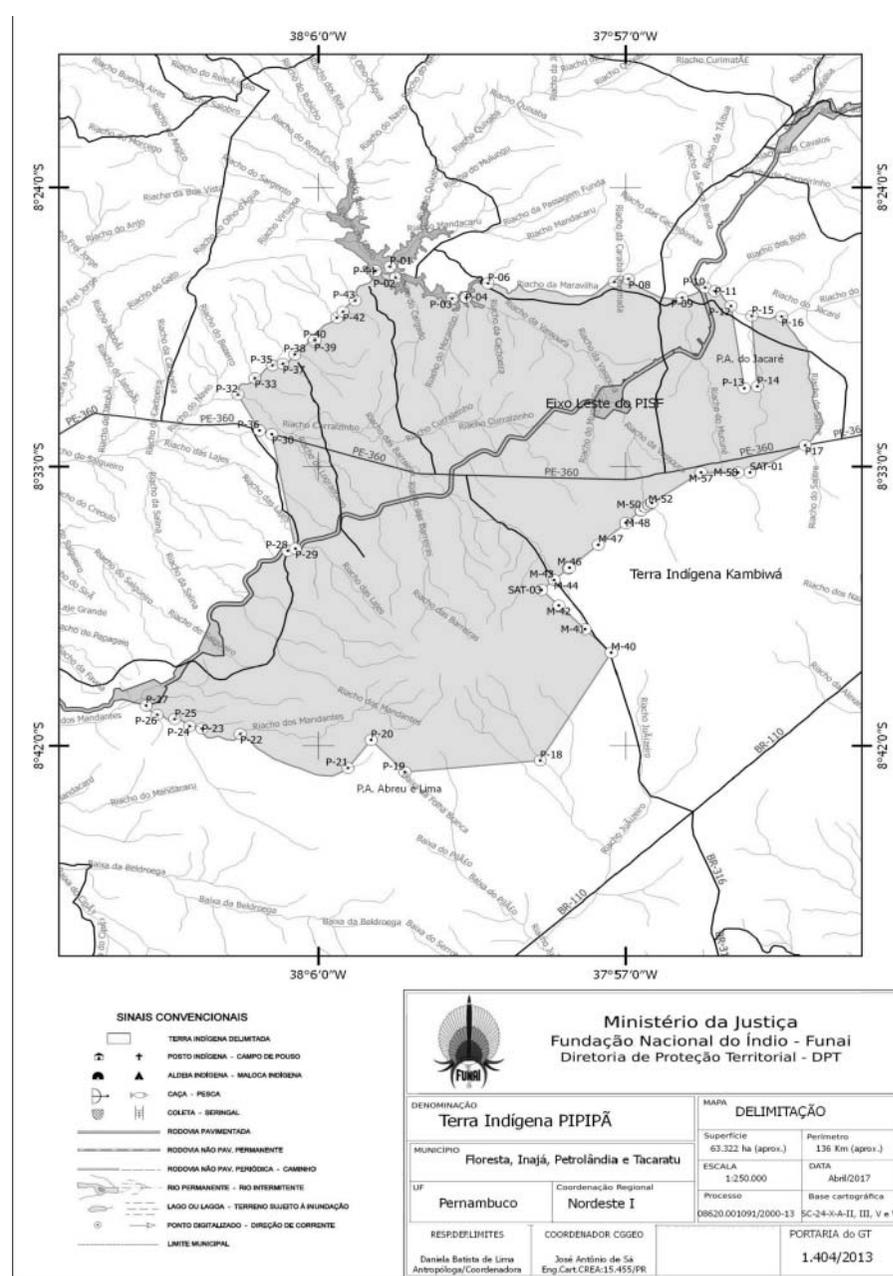


VERTICE	LATITUDE	LONGITUDE	LIMITE DE CONFRONTAÇÃO
P-01	8° 26' 33,17" S	38° 3' 54,09" W	Riacho da Maravilha
P-02	8° 26' 53,41" S	38° 3' 44,14" W	Riacho da Maravilha
P-03	8° 27' 33,91" S	38° 2' 4,54" W	Riacho da Maravilha
P-04	8° 27' 31,17" S	38° 1' 41,17" W	Riacho da Maravilha
P-05	8° 27' 31,87" S	38° 1' 40,45" W	Riacho da Maravilha
P-06	8° 27' 4,46" S	38° 1' 1,47" W	Riacho da Maravilha
P-07	8° 27' 1,73" S	37° 57' 19,03" W	Riacho da Maravilha
P-08	8° 26' 56,16" S	37° 56' 55,07" W	Riacho do Jacaré
P-09	8° 27' 32,39" S	37° 55' 20,65" W	Riacho do Jacaré
P-10	8° 27' 12,81" S	37° 54' 40,06" W	Riacho do Jacaré
P-11	8° 27' 19,67" S	37° 54' 22,96" W	Riacho do Jacaré
P-12	8° 27' 48,36" S	37° 53' 54,62" W	Linha seca - Assentamento do Jacaré
P-13	8° 30' 27,89" S	37° 53' 31,1" W	Linha seca - Assentamento do Jacaré
P-14	8° 30' 24,4" S	37° 53' 8,14" W	Linha seca - Assentamento do Jacaré
P-15	8° 28' 7,76" S	37° 53' 17,82" W	Riacho do Jacaré
P-16	8° 28' 8,89" S	37° 52' 25,34" W	Riacho do Salitre
P-17	8° 32' 18,56" S	37° 51' 44,0" W	Linha seca
SAT-01	8° 33' 11,08" S	37° 53' 21,14" W	TI Kambiwa
M-58	8° 33' 11,19" S	37° 53' 42,15" W	TI Kambiwa
M-57	8° 33' 11,19" S	37° 54' 47,35" W	TI Kambiwa
M-55	8° 34' 10,09" S	37° 56' 13,95" W	TI Kambiwa
M-54	8° 34' 10,49" S	37° 56' 14,55" W	TI Kambiwa
M-53	8° 34' 13,89" S	37° 56' 19,25" W	TI Kambiwa
M-52	8° 34' 14,19" S	37° 56' 19,65" W	TI Kambiwa
M-51	8° 34' 18,39" S	37° 56' 25,55" W	TI Kambiwa
M-50	8° 34' 24,89" S	37° 56' 32,85" W	TI Kambiwa
M-49	8° 34' 25,19" S	37° 56' 33,25" W	TI Kambiwa
M-48	8° 34' 48,59" S	37° 56' 59,75" W	TI Kambiwa
M-47	8° 35' 30,29" S	37° 57' 47,15" W	TI Kambiwa
M-46	8° 36' 14,59" S	37° 58' 37,86" W	TI Kambiwa
M-45A	8° 36' 16,19" S	37° 58' 39,76" W	TI Kambiwa
M-45	8° 36' 16,39" S	37° 58' 39,86" W	TI Kambiwa
M-44	8° 36' 38,39" S	37° 59' 5,06" W	TI Kambiwa
M-43	8° 36' 38,49" S	37° 59' 5,26" W	TI Kambiwa
SAT-03	8° 36' 57,71" S	37° 59' 27,04" W	TI Kambiwa
M-42	8° 37' 27,9" S	37° 58' 56,74" W	TI Kambiwa
M-41	8° 38' 13,78" S	37° 58' 10,41" W	TI Kambiwa
M-40	8° 38' 59,30" S	37° 57' 24,55" W	Linha seca
P-18	8° 42' 28,5" S	37° 59' 29,41" W	Linha seca - Assentamento Abreu e Lima
P-19	8° 42' 50,84" S	38° 3' 27,7" W	Linha seca - Assentamento Abreu e Lima
P-20	8° 41' 48,59" S	38° 4' 27,32" W	Linha seca - Assentamento Abreu e Lima
P-21	8° 42' 43,02" S	38° 5' 8,09" W	Afluente(ME) do Riacho dos Mandantes
P-22	8° 41' 37,05" S	38° 8' 16,61" W	Riacho dos Mandantes
P-23	8° 41' 26,69" S	38° 9' 24,25" W	Riacho dos Mandantes
P-24	8° 41' 22,02" S	38° 9' 45,94" W	Riacho dos Mandantes
P-25	8° 41' 8,13" S	38° 10' 12,24" W	Riacho dos Mandantes
P-26	8° 40' 59,81" S	38° 10' 42,97" W	Riacho dos Mandantes
P-27	8° 40' 42,03" S	38° 11' 2,58" W	Linha seca - Eixo Leste do PISF
P-28	8° 35' 41,74" S	38° 6' 52,92" W	Linha seca - Eixo Leste do PISF
P-29	8° 35' 37,72" S	38° 6' 39,42" W	Linha seca
P-30	8° 31' 57,0" S	38° 7' 21,02" W	Linha seca - Rodovia PE-360
P-31	8° 31' 49,73" S	38° 7' 42,78" W	Linha seca
P-32	8° 30' 40,21" S	38° 8' 20,79" W	Riacho do Navio
P-33	8° 30' 8,54" S	38° 7' 51,07" W	Riacho do Navio
P-34	8° 29' 43,54" S	38° 7' 19,92" W	Riacho do Navio
P-35	8° 29' 43,54" S	38° 7' 19,92" W	Riacho do Navio
P-36	8° 31' 49,73" S	38° 7' 42,78" W	Riacho do Navio
P-37	8° 29' 40,6" S	38° 7' 1,5" W	Riacho do Navio
P-38	8° 29' 22,39" S	38° 6' 40,69" W	Riacho do Navio
P-39	8° 28' 57,65" S	38° 6' 7,33" W	Riacho do Navio
P-40	8° 28' 54,44" S	38° 6' 5,91" W	Riacho do Navio
P-41	8° 28' 11,27" S	38° 5' 27,6" W	Riacho do Navio
P-42	8° 27' 59,55" S	38° 5' 16,82" W	Riacho do Navio
P-43	8° 27' 37,97" S	38° 4' 55,44" W	Riacho do Navio
P-44	8° 26' 40,94" S	38° 4' 19,73" W	Riacho Quixaba
P-01	8° 26' 33,17" S	38° 3' 54,09" W	Riacho da Maravilha, ponto inicial da descrição



O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI, em conformidade com o § 7º do art. 2º do Decreto 1775/96, tendo em vista o Processo nº 08620.077509/2015-40, e considerando o Resumo do Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação de autoria do antropólogo Igor Alexandre Badolato Scaramuzzi, que acolhe, face às razões e justificativas apresentadas, decide:

Nº 4 - Aprovar as conclusões objeto do citado resumo para, afinal, reconhecer os estudos de identificação e delimitação da Terra Indígena Guaviraty, com superfície aproximada de 1.248 hectares e perímetro aproximado de 19 quilômetros, de ocupação tradicional do povo indígena Guarani Mbyá, localizada nos municípios de Iguape e Cananéia, Estado de São Paulo.

ANEXO

RESUMO DO RELATÓRIO CIRCUNSTANCIADO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA TERRA INDÍGENA GUAVIRATY

Referência: Processo Funai/BSB nº 08620.077509/2015-40 Terra Indígena: Guaviraty. Localização - Municípios: Iguape e Cananéia. Estado: São Paulo. Superfície aproximada: 1.248 ha. Perímetro aproximado: 19 km. Povo Indígena: Guarani Mbya. Família Linguística: tupi-guarani. População: 45 (quarenta e cinco pessoas) (2012). Identificação e Delimitação: Grupo Técnico constituído pela Portaria Funai nº1564/PRES, de 19/10/2010 e complementadas pelas portarias: nº925/PRES, de 16/06/2011; nº985/PRES, de 03/08/2012; nº 962/PRES, de 05/10/2015. Antropólogo-Coordenador: Igor Alexandre Badolato Scaramuzzi.

I- DADOS GERAIS. Os indígenas que habitam a Terra Indígena Guaviraty se autodenominam como Guarani e/ou Guarani Mbya. A língua materna falada por todos os habitantes da TI Guaviraty é classificada como Mbya, uma variante da língua Guarani pertencente à família Tupi-Guarani, do tronco tupi. Os Guarani no Brasil compreendem os subgrupos Mbya, Kaiowa e Nhandeua, somando uma população total aproximada de 60.000 pessoas. O território dos Guarani abrange uma ampla área, designada por eles pelo conceito yvyrupa, que pode ser traduzido como "suporte ou plataforma terrestre". Ele abrange os rios Uruguai, Paraná e Paraguai, desde o sudeste do Uruguai, passando pela província de Misiones na Argentina, pela região oriental do Paraguai, atingindo o noroeste boliviano e, no Brasil, em sete Estados- Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Mato Grosso do Sul. Na região sudeste, onde se localiza a TI Guaviraty, a população é de cerca de 13.000 pessoas. Considera-se que os Guarani ocupavam a parte meridional do Estado no momento da Conquista, tendo se tornado o grupo indígena majoritário da então Capitania de São Vicente desde o segundo quartel do século XVII, por conta das expedições de captura de cativos guarani, realizadas pelos bandeirantes paulistas, que substituíram os demais grupos tupi e tapuia com quem os Guarani conviviam na região até a chegada dos europeus. A história da ocupação guarani em toda a região do Vale do Ribeira é bastante rica e complexa e pode ser reconstruída parcialmente por meio de

Sistema Geodésico de Referência: SIRGAS 2000 ; Sistema de Coordenadas: Latitude e Longitude geodésicas; Base cartográfica: Cartas SC-24-X-A-II, III, V e VI na Escala 1:100.000 - DSG(1979). OBS: 1) As faixas de servidão relativas aos trechos da Rodovia PE-360 e ao Eixo Leste do Programa de Integração do Rio São Francisco (PISF) que atravessam a área delimitada devem ser consideradas e excluídas da área total na etapa relativa à demarcação física, 2) Os vértices iniciados com a letra "P" possuem precisão cartográfica compatível com a base utilizada (Padrão de Exatidão Cartográfica-PEC de 50 metros). Responsáveis Técnicos pela Definição dos Limites: Daniela Batista de Lima, Antropóloga Coordenadora e José Antonio de Sá, Engenheiro Cartógrafo, Engenheiro Cartógrafo CREA 15.455/D.



sistematização de fontes escritas e arqueológicas e por meio da memória oral, tanto dos Guarani como de moradores não indígenas mais antigos que tiveram contato com os índios ao longo de sua história. Por tratar-se de região com a cobertura vegetal do Bioma Mata Atlântica mais densa até hoje, e na qual as grandes obras de infra-estrutura (rodovias e linha férrea) tardaram a chegar, a ocupação guarani no Vale do Ribeira permaneceu por muito tempo pouco visível, embora sua presença tenha sido documentada já na época da Conquista. Até 1914, a circulação da população do Vale do Ribeira era realizada exclusivamente através de vias fluviais. Posteriormente a essa data, com a criação da ferrovia Sorocabana, ramal Santos-Juquiá, passou-se a escoar a produção dos pequenos distritos e colônias por meio da via férrea. A Rodovia Régis Bittencourt, hoje principal meio de acesso à região foi inaugurada em 1961. Durante todo esse período, as matas do Vale do Ribeira permaneceram pouco exploradas pela colonização, permitindo aos Guarani uma ocupação autônoma, que vez por outra cruzava com fazendeiros, agentes do Estado ou da Igreja e outros não indígenas que deixaram memória escrita do contato com os Guarani e contribuíram para uma reconstrução parcial dessa dinâmica. Mesmo que tenham tido um tímido reconhecimento formal de sua ocupação no Vale do Ribeira, na primeira metade do XIX, a partir da criação do antigo aldeamento do Rio do Peixe, esse reconhecimento sempre foi ameaçado pelo processo de colonização e pelas diretrizes assimilatórias que orientaram a política indigenista desde o Império até a promulgação da Constituição de 1988. Deve-se notar ainda que até mesmo o Rio do Peixe, que constituía o único aldeamento reconhecido pelo governo dentre os diversos pontos de ocupação tradicionais dos Guarani no Vale do Ribeira durante o século XIX, foi flagrantemente esbulhado dos índios, em processo violento ocorrido no início do século XX, culminando na criação da antiga colônia de Alecrim (atual Município de Pedro de Toledo). Os Guarani resistiram e permaneceram ocupando não apenas a região próxima de Pedro de Toledo, para qual fugiram depois dos ataques movidos pelos colonos, mas também dispersos por toda a bacia do Rio Ribeira, em regiões onde o Serviço de Proteção ao Índio/SPI atuou novamente para removê-los. O local para qual parte do grupo fugiu, na região do Rio do Azeite, foi onde o Serviço de Proteção ao Índio/SPI criou o Posto Indígena de Itariri, para onde tentou, sem sucesso, transferir toda a população guarani do Vale do Ribeira, liberando o restante das suas terras tradicionalmente ocupadas para a colonização. Desde então, os Guarani, devido ao crescente povoamento não indígena, à devastação ambiental, à criação de Unidades de Conservação de Proteção Integral, entre outros fatores, estão sendo impelidos para fora das suas terras de uso e ocupação tradicional.

II - HABITAÇÃO PERMANENTE: A TI Guaviraty é atualmente composta por uma aldeia, Tekoa Guaviraty que foi estabelecida no ano de 1999. Está localizada próxima ao quilômetro 85 da Rodovia Ivo Zanella SP-222 que liga o município de Iguape ao município de Pariqueira-açu. Foi ocupada por diferentes grupos familiares guarani conectados entre si por laços de parentesco e afinidade e que estão estabelecidos na região do Vale do Ribeira a pelo menos três décadas. Estes grupos familiares residem atualmente e estabeleceram, ao longo do tempo, diversas aldeias em várias localidades do Vale do Ribeira, como na Ilha do Cardoso (atual TI Pakurity), Ilha de Superagui; Município de Itariri (atual TI Itariri- Serra do Itatins); Município de Iguape (atual TI Ka'aguy Hovy); Município de Cananéia (Itapitanguí), entre outras localidades. O estabelecimento na Terra Indígena Guaviraty é entendido como um retorno ao lugar dos antepassados, revelado em sonhos para os pajés que orientaram esses grupos familiares em suas trajetórias pelo Vale do Ribeira. A mobilidade regida pelos sonhos e pelas lideranças espirituais é um fator decisivo da territorialidade dos Guarani Mbya, e é referenciado pela história da ocupação desse povo no Vale do Ribeira. As fontes escritas e orais evidenciam a presença dos Guarani na região do atual município de Iguape, no entorno da Terra Indígena Guaviraty, no passado recente, de onde foram retirados forçosamente pelo Serviço de Proteção ao Índio/SPI para a Reserva do Bananal, em Peruíbe. As histórias dos habitantes da TI se analisadas em maior detalhe, demonstram os fatores que regem a mobilidade dos grupos familiares no Vale do Ribeira e o estabelecimento dos diversos tekoa (que se poderia traduzir em alguns contextos como "aldeia") no decorrer do tempo. O primeiro é a presença de condições ecológicas e ambientais adequadas, tal como a presença de mata atlântica em boas condições ambientais e ecológicas, de águas limpas e a ocorrência de tipos específicos de animais e vegetais. Em segundo, há também os elementos, já mencionados, de cunho religioso e cultural, que norteiam as jornadas e trajetórias de todos os indivíduos e os coletivos guarani. Por fim, há as relações com segmentos da sociedade envolvente, pois como contam com cada vez menos espaços para estabelecerem aldeias e com cada vez menos condições de exercerem o modo de vida que julgam o ideal de forma plena, os Guarani estão cada vez mais empenhados no diálogo com os Estados Nacionais na busca por direitos territoriais e pela regularização fundiária de seus locais de uso e ocupação. Há no espaço delimitado da TI Guaviraty, locais adequados para o manejo das áreas de moradia e plantio, para além da aldeia atual, que permitem a reprodução física e cultural do grupo no longo prazo, segundo seus usos, costumes e tradições.

III - ATIVIDADES PRODUTIVAS: Na TI Guaviraty as atividades produtivas tradicionais se complementam com atividades que geram renda, como a confecção e a venda de artesanato, turismo e apresentações musicais. Seus habitantes desenvolvem atividades produtivas diversificadas, que abarcam tanto a agricultura, a caça, a pesca e a coleta para subsistência, como aquelas que envolvem o comércio, o turismo e o serviço público, especialmente de saúde e educação. Nas últimas décadas, com a crescente falta de espaços para exercerem de forma plena o modo de vida que consideram o ideal, tem aumentado cada vez mais a dependência do dinheiro e das mercadorias para a satisfação das necessidades básicas. Esse quadro de crescente dependência econômica e de falta de espaços para exercer o modo de vida tradicional, no entanto, não impediu os Guarani da TI Guaviraty de continuarem desenvolvendo seus conhecimentos e práticas ligados ao meio ambiente, procurando tornar o local em que vivem o mais próximo possível do que consideram o ideal, por meio de estratégias de gestão e manejo do meio ambiente. Diante do contexto em que já não é mais possível viver da maneira dos antepassados, com grande autonomia, os Guarani procuram conciliar os diferentes tipos de atividades tendo em vista o nhandereko, expressão importante e recorrente que pode ser traduzida como "a maneira de viver", ou como "nosso modo de ser". As atividades produtivas criam vínculos com o ambiente e com os outros seres vivos. Esse vínculo é o que dá vida e permite a continuidade e a inovação dos saberes e dos modos de conhecer desse povo indígena sobre os lugares que ocupam. Dentre as atividades produtivas, deve ser destacado o sistema agrícola com os cultivos tradicionais dos Guarani, que são um componente identitário importante, já que são fundamentais para a concretização da vida ritual do grupo. Os Guarani praticam a sua agricultura dentro de um sistema que envolve o corte da vegetação, a queima da cobertura vegetal, o plantio, a colheita e o abandono temporário da área cultivada até que a vegetação novamente se estabeleça no local, seguindo a sucessão natural. Entre os cultivos tradicionais se destaca o avaxietef, o "milho verdadeiro", que costuma ser cultivado por todas as famílias guarani. O avaxietef está relacionado a um dos mais importantes rituais religiosos que acontecem anualmente nas aldeias, o Nheemongarai. Este é o ritual de atribuição dos nomes na língua guarani às crianças da aldeia, ou seja, é a revelação de parte da constituição da pessoa guarani.

IV - MEIO AMBIENTE: A TI Guaviraty está localizada na porção sul do Estado de São Paulo, especificamente no Município de Iguape. Esse Município está inserido na região conhecida como Vale do Ribeira. Ele também integra a região denominada "Complexo Estuarino Lagunar Cananéia-Iguape-Paranaguá". A região denominada Vale do Ribeira abrange partes dos Estados do Paraná e São Paulo e está localizada próxima das regiões metropolitanas de Curitiba e São Paulo. Esta região apresenta a menor densidade demográfica e os mais baixos índices de indicadores sociais do Estado de São Paulo. Em contrapartida às características acima citadas, o Vale do Ribeira concentra hoje cerca de metade de toda a vegetação nativa de domínio Mata Atlântica remanescente do Estado. Dados apontam que, dos 90 mil km² que restaram da Mata Atlântica original do País, aproximadamente 13% estão no Vale do Ribeira. Ambientalmente, o Vale do Ribeira também se destaca como a região do Estado de São Paulo com o maior número de áreas protegidas. Aproximadamente 58% de sua superfície total se encontra abrangida por áreas protegidas. Além da grande quantidade de áreas de preservação, a região do Vale do Ribeira possui uma grande diversidade cultural, representada por quilombolas, caiçaras, indígenas, pescadores artesanais e pequenos agricultores, todos possuindo vínculo econômico, social e cultural com a floresta atlântica. A área de uso e ocupação dos habitantes da TI Guaviraty é composta por remanescente florestal de Restinga localizada entre a Rodovia SP 222 (trecho que liga os municípios de Iguape e Pariqueira-Açu) e o braço de mar denominado "mar pequeno" ou "mar de Iguape" que separa os municípios de Iguape e Ilha

Comprida. Nas proximidades dos núcleos residenciais da aldeia também são encontradas áreas de florestas paludosas permanentemente alagadas com predomínio das espécies caixeta (Tabebuia Cassinoides) e Guanadi (Calophyllum brasiliensis) - espécies muito utilizadas pelos Guarani Mbyá. Na porção sudeste da Terra Indígena há um significativo remanescente florestal de Morraria de formação vegetal classificada como Floresta Ombrofila Densa Sub-Montana. No que diz respeito às condições ambientais e ecológicas, pode-se dizer que as áreas de restinga, mais próximas aos núcleos de ocupação e circulação dos não-indígenas, estão parcialmente conservadas e possuem indícios de desmatamento, exploração madeireira, caça e extrativismo, especialmente do palmito juçara (Euterpe edulis) praticados pelos não-indígenas. As formações florestais mais maduras da Morraria, especialmente as da porção sudeste da Terra Indígena, pela maior distância das ocupações não-indígenas e pela dificuldade de acesso, apresentam-se em ótimas condições ambientais e ecológicas. A APA Cananéia-Iguape-Peruíbe está totalmente sobreposta a TI delimitada. As APAs são Unidades de Conservação que possuem uma proposta de gestão participativa para se garantir que o uso sustentável seja viabilizado em termos políticos, econômicos e sociais. Busca-se com a gestão dessas áreas a elaboração de acordos entre seus habitantes para a fiscalização e incentivo às atividades econômicas sustentáveis. Tendo em vista tais objetivos, a regularização da TI Guaviraty não contraria os objetivos de criação da APA e evoca a possibilidade do estabelecimento de parcerias futuras, entre os habitantes da TI e o órgão gestor da Unidade de Conservação, para a melhoria das políticas de gestão, manejo e conservação da área em sobreposição. A proposta de delimitação da TI Guaviraty permite aos seus habitantes exercerem suas atividades tradicionais de subsistência com a conservação dos recursos naturais necessários para a sua reprodução física e cultural. A regularização fundiária da TI permitirá a recuperação das áreas degradadas com espécies de uso dos Guarani, contribuindo para a conservação ambiental.

V - REPRODUÇÃO FÍSICA E CULTURAL: São diversos os aspectos cosmológicos e culturais que fazem parte da vida do povo Guarani que apenas podem ser produzidos e transmitidos se estiverem conectados com elementos ligados ao que as sociedades ocidentais de tradição escrita entendem como "natureza". Os elementos que integram o "guarani teko ou mbyareko", o modo de vida, o jeito de viver guarani, como, por exemplo, a mobilidade e a multilocalidade, estão ligados tanto ao universo onírico (dos sonhos) e xamânico, como também ao ecossistema da Mata Atlântica, já que é a busca de locais de uso e ocupação próximos do oceano que compõe os percursos de vários indivíduos e coletivos. Sobre as atividades de caça, agricultura e coleta, é possível dizer, que são orientadas, tanto pelas entidades não humanas (sobrenaturais), que controlam os entes envolvidos nessas atividades (homens, animais, plantas, montanhas, rios), como também pelo ecossistema habitado por esse povo. No que diz respeito às concepções de felicidade e de saúde, pode-se afirmar que elas só se concretizam e adquirem sentido quando os Guarani vivem no tekoa; quando estão em harmonia com os entes não-humanos que vivem nos espaços que os circundam e, por fim, quando possuem espaços ambiental e ecologicamente adequados, nos quais estas relações podem se concretizar plenamente. Desse modo, os aspectos do que poderíamos denominar como cosmologia, religião ou sistema cultural dos Guarani não existem de forma desconexa das condições ecológicas e ambientais consideradas por eles como as ideais para sua reprodução física. O modo de conhecer não depende somente da transmissão de saberes pelos mais velhos aos mais novos, mas também da prática e da atualização que acontece nas experiências pessoais e subjetivas que se consubstanciam quando conectadas ao ambiente e às condições ecológicas dos lugares em que habitam.

VI - LEVANTAMENTO FUNDIÁRIO: A Terra Indígena Guaviraty encontra-se em sobreposição com a APA Cananéia-Iguape-Peruíbe, tem aproximadamente 1.248 hectares, e está localizada nos municípios de Iguape e Cananéia. Foram identificadas no perímetro da TI Guaviraty 05 (cinco) ocupações particulares não indígenas, das quais 04 (quatro) ocupações estão parcialmente incidentes. No que diz respeito à titularidade das ocupações, um dos imóveis está com sua área certificada pelo INCRA e registrada em cartório de imóveis. Sobre os outros quatro imóveis, um deles possui uma ação de usucapião; outro está caracterizado como posse; e sobre os outros 02 (dois) não foi possível obter informações sobre este quesito. Nenhum dos ocupantes reside nos imóveis, bem como não foi identificada o exercício de nenhuma atividade econômica na área. Salvo melhor juízo, trata-se de uma área sem nenhuma exploração tradicional agrosilvo-pastoral.

Quadro de ocupantes não-indígenas na TI Guaviraty

Nº	Nome	Situação da ocupação	Reside no imóvel	Nome do imóvel	Área incidente na TI
01	Espólio de Thereza Alves	Posseiro (Justo Título)	não	Sítio Pinheiro	Parcial (NINF)
02	Flávio Capobianco	Proprietário	não	Fazenda Esteiro do Morro e Sambaqui	Parcial (1075)
03	Neuclair Sanches Prette	NINF	não	Sítio Botujuru	Parcial (119)
04	Narci Fragoso Martins Dias e Neuza Aparecida Fragoso Martins de Oliveira	NINF	não	Sítio Fragoso	Parcial (ninf)
05	Gandhi Kalil	NINF	não	Sítio Cerro Azul	45 ha

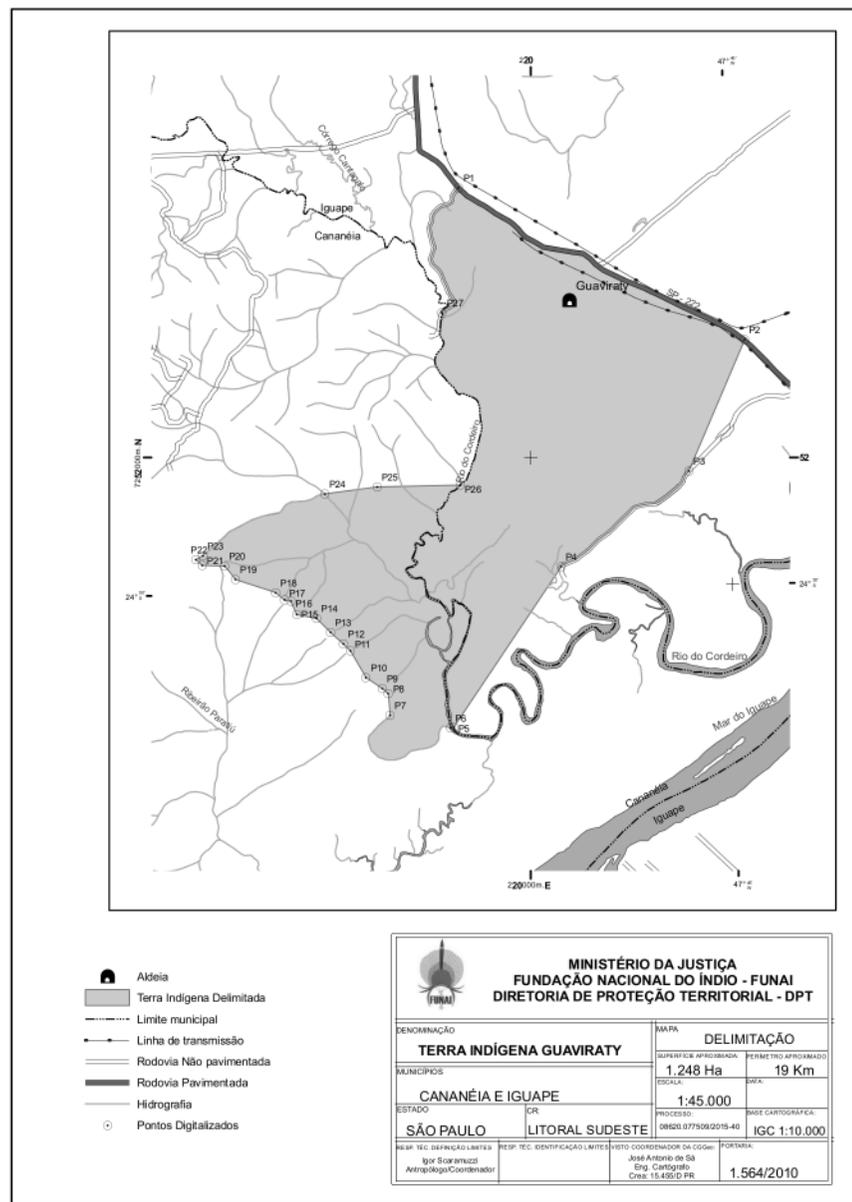
VII - CONCLUSÃO E DELIMITAÇÃO: A TI Guaviraty está localizada na porção sul do Estado de São Paulo, nos Municípios de Cananéia e Iguape. Estes Municípios estão inseridos na região do Vale do Ribeira, mais especificamente na região denominada Baixo-Ribeira. Os estudos etno-históricos, ambientais, cartográficos, documentais, fundiários e demográficos realizados pelo presente GT demonstram que a Terra Indígena Guaviraty atende os quatro requisitos presentes no parágrafo 1º do Art. 231 da Constituição de 1988, configurando-se, portanto, como uma "terra tradicionalmente ocupada". Em seu conjunto, as peças técnicas e documentos juntados aos autos do Processo FUNAI, nº 08620.077509/2015-40 devidamente considerados no relatório circunstanciado em causa, comprovam a existência de vínculo indissolúvel entre os Guarani e esta porção do seu território tradicional, qual seja, a região do Complexo Estuarino-Lagunar de Iguape, Cananéia e Paranaguá e do Vale do Ribeira, a qual compõe o mundo terreno Guarani Mbya - yvy rupa. Neste sentido, a Terra Indígena Guaviraty integra o conjunto mais amplo das aldeias Guarani Mbya no litoral do Brasil, apresentando características ambientais que possibilitam o exercício pleno do mbyareko - o modo de vida Guarani. A Proposta de Delimitação da Terra Indígena Guaviraty apresenta uma superfície aproximada de 1.248 hectares, e perímetro aproximado de 19 km. Esta porção territorial contempla as áreas tradicionalmente ocupadas e imprescindíveis à manutenção da integridade física e cultural da população guarani da aldeia estudada.

Igor Alexandre Badolati Scaramuzzi - Antropólogo-Coordenador do GT

DESCRIÇÃO DO PERÍMETRO

Inicia-se a descrição deste perímetro no ponto P-01, de coordenadas geográficas aproximadas 24°47'46,4" S e 47°46'36,3" WGr, situado na rodovia SP-222; daí, segue pela referida rodovia até o ponto P-02 de coordenadas geográficas 24°48'38,9" S e 47°44'53,5" WGr; daí, segue em linha reta até o P-03 de coordenadas geográficas 24°49'22,1" S e 47°45'14,7" WGr, localizado em uma estrada municipal não pavimentada; daí, segue pela referida estrada até o ponto P-04 de coordenadas geográficas 24°49'53,1" S e 47°46'1,8" WGr; daí, segue em linha reta até o P-05 de coordenadas geográficas 24°50'45,7" S e 47°46'42,1" WGr, situado na margem esquerda do rio do Cordeiro; daí, segue em linha reta para a margem oposta no P-06 de coordenadas geográficas 24°50'45,9" S e 47°46'43,2" WGr, situado na foz de seu afluente sem denominação; daí, segue a montante do referido curso d'água até o ponto P-07 de coordenadas geográficas 24°50'41,3" S e 47°47'5,1" WGr; daí segue linha reta até o ponto P-08 de coordenadas geográficas 24°50'34,1" S e 47°47'5,5" WGr; daí segue em linha reta, no divisor de águas passando pelos seguintes pontos com suas respectivas coordenadas geográficas: P-09, 24°50'32,3" S e 47°47'7,7" WGr; P-10, 24°50'28,5" S e 47°47'13,5" WGr; P-11, 24°50'19,5" S e 47°47'19,1" WGr; P-12, 24°50'17,2" S e 47°47'21,6" WGr; P-13, 24°50'13,3" S e 47°47'26,2" WGr; P-14, 24°50'8,6" S e 47°47'31,0" WGr; P-15, 24°50'7,1" S e 47°47'38,3" WGr; P-16, 24°50'2,7" S e 47°47'40,3" WGr; P-17, 24°50'2,0" S e 47°47'42,7" WGr; P-18, 24°49'59,7" S e 47°47'45,8" WGr; P-19, 24°49'55,0" S e 47°48'0,4" WGr; P-20, 24°49'50,5" S e 47°48'4,3" WGr; P-21, 24°49'50,2" S e 47°48'12,3" WGr; P-22, 24°49'48,2" S e 47°48'14,5" WGr; até o ponto P-23 de coordenadas geográficas 24°49'46,9" S e 47°48'12,0" WGr, situado na cabeceira do curso d'água sem denominação; daí, segue pelo referido curso d'água até o ponto

P-24 de coordenadas geográficas 24°49'27,2" S e 47°47'27,3" WGr; daí segue em linha reta, passando pelos seguintes pontos com suas respectivas coordenadas geográficas: P-25, 24°49'25,3" S e 47°47'8,2" WGr; P-26, 24°49'25,1" S e 47°46'37,9" WGr, situado no rio do Cordeiro; daí segue a montante pelo referido rio até o ponto P-27 de coordenadas geográficas 24°48'27,9" S e 47°46'43,28" WGr; e posteriormente em linha reta até o ponto P-01, início da descrição deste perímetro dessa área. OBS: 1- Base cartográfica utilizada na elaboração deste memorial descritivo: IGC/SP - Escala 1: 10,000, com translação para SIRGAS 2000; 2 - As coordenadas geográficas citadas neste memorial descritivo referem-se ao Datum Geocêntrico SIRGAS 2000. Responsáveis Técnicos pela Definição dos Limites: Igor Scaramuzzi e José Antônio de Sá - Engenheiro Cartógrafo - CREA 15.455/D - PR.



O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI, em conformidade com o § 7º do art. 2º do Decreto 1775/96, tendo em vista o Processo nº 08620.001752/2006-04, e considerando o Resumo do Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação de autoria do antropólogo Flávio Schardong Gobbi, que acolhe, face às razões e justificativas apresentadas, decide:

Nº 5 - Aprovar as conclusões objeto do citado resumo para, afinal, reconhecer os estudos de identificação e delimitação da Terra Indígena Tapy'i/Rio Branquinho, com superfície aproximada de 1.154 hectares e perímetro aproximado de 16 quilômetros, de ocupação tradicional do povo indígena Guarani Mbyá, localizada no município de Cananéia, Estado de São Paulo.

ANEXO

RESUMO DO RELATÓRIO CIRCUNSTANCIADO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA TERRA INDÍGENA TAPY'I/RIO BRANQUINHO
Referência: Processo FUNAI nº 08620.001752/2006-04. Terra Indígena: Tapy'i. Localização: Município de Cananéia, Estado de São Paulo. Povo Indígena: Guarani Mbya. Família Linguística: Tupi-Guarani. Superfície aproximada: 1.154 hectares. Perímetro: 16 quilômetros. População aproximada: 35 pessoas (em 2016). Identificação: Grupo Técnico constituído por meio das Portarias Funai/Pres nº 1562, de 19 de outubro de 2010; nº 926, de 16 de junho de 2011; nº 962, de 5 de outubro de 2015; nº 1213, de 11 de dezembro de 2015; e nº 260, de 22 de março de 2016, coordenado pelo antropólogo Flávio Schardong Gobbi.

1. Dados Gerais. Os atuais moradores da Terra Indígena Tapy'i utilizam o termo Mbya e/ou Guarani como autorreferente nas relações interétnicas. Todos moradores falam a língua indígena, e em diferentes graus o português para se comunicar com os jurua/não-indígenas. Segundo a classificação

linguística, Mbya é uma das variações da língua guarani, pertencente à família linguística Tupi-Guarani, que por sua vez integra o tronco Tupi. Atualmente, no Brasil, esses grupos compreendem, além do Mbya, os falantes do Kaiowa e Nhandeva. As diferenças linguísticas entre os falantes Mbya, Kaiowa e Nhandeva somam-se contrastes socioculturais, os quais podem ser mais ou menos acentuados, bem como processos históricos distintos, embora interconectados. Nhandeva também é uma palavra utilizada pelos Mbya para fazer referência ao seu coletivo étnico, mais especificamente nhande va'e ("os que somos nós"). Em linhas gerais, a localização dos subgrupos Guarani no território brasileiro dá-se do seguinte modo: 1) os Kaiowa habitam principalmente na região sul do Estado do Mato Grosso do Sul; 2) os Nhandeva encontram-se principalmente no oeste do Paraná, no Mato Grosso do Sul e também em algumas aldeias nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo; 3) os Mbya são os mais numerosos nos Estados do sul e sudeste do Brasil, e registram-se algumas famílias no norte do Brasil. Para os Guarani Mbya, a imagem espacial que se extrai da expressão yvy rupa, e dos contextos discursivos nos quais ela aparece, aponta, de início, para o caráter indissociável do território com a cosmologia, do espaço com o tempo mítico de criação da terra pelos deuses. Quando representam a terra em suportes materiais, como no papel, ou em traços no chão, eles o fazem na forma circular. O centro do círculo, e da terra, é denominado yvy mbyte. Nos termos das divisões estatais, referem-se genericamente ao Paraguai como correspondente do yvy mbyte. A partir deste centro, identificam "duas águas": a primeira, para miri, corresponde aos rios Paraná e Uruguai. A "segunda água" denominam para guacu, a "grande água", o mar, que separa esta terra da morada dos deuses. Estudos arqueológicos, articulados com registros produzidos nos primeiros séculos da colonização, bem como com pesquisas em linguística e etnologia, apontam para a longa duração da ocupação guarani naquilo que se tornou os países Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai. A Oeste, suas aldeias encontravam-se distribuídas pelas bacias dos Rios Paraguai, Paraná e Uruguai, formadores do Rio da Prata, e, a Leste, nas bacias dos rios que desembocam no Oceano Atlântico, dentre eles o Rio Ribeira de Iguape. No litoral, a região sul daquilo que se tornou o Estado de São Paulo é apontada como a área de fronteira entre os grupos referenciados à tradição arqueológica tupiguarani. Nos registros dos cronistas quinhentistas, os grupos desta grande região são referidos por diversos nomes: Carijós, Arachanes, Tapes, Mbiazais, Ibirairais, dentre outros. Ao invés de entidades substantivas, tais etnônimos devem ser entendidos em seus aspectos contextuais e relacionais. Em virtude da posição geográfica de seu território à época da conquista, os Guarani estão dentre os povos de mais longa experiência de contato com as colônias ibéricas, tanto portuguesas quanto espanholas. A história do Estado de São Paulo dos primeiros séculos é indissociável das expedições no território Guarani para capturas de indígenas para a escravização, sendo que os cativos Guarani eram a maioria da população na Capitania de São Vicente no século XVII. No início do período imperial, a documentação aponta que os Guarani foram alvo de investidas administrativas que tinham por estratégia a separação de suas parentelas e subsequente distribuição de indivíduos junto aos moradores não indígenas da região. A tais investidas, os Guarani escaparam através de fugas e rearticulações das parentelas, espalhando-se pelas matas do Vale do Ribeira. Conflitos entre os Guarani e regionais marcaram a década de 30 do século XIX, os quais levaram ao estabelecimento do Aldeamento do Rio do Peixe/Itariri. A partir deste aldeamento, a documentação produzida demonstra tanto o processo de esbulho de suas terras quanto a presença Guarani em outras localidades na região, em aldeias autônomas e distantes dos centros populacionais incipientes, as quais também foram, progressivamente, expropriadas pelo projeto colonial. Nas primeiras décadas da República, completa-se o esbulho deste aldeamento, por meio da construção de ferrovia e da instalação da povoação que se tornou o Município de Pedro de Toledo/SP. Os registros documentais também demonstram a resistência que os Guarani impuseram ao esbulho, por meio de cartas escritas por eles próprios, o que, todavia, não foi efetivo para conter a perda de suas terras. Com a fundação do Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais (SPILTN, mais tarde somente SPI) em 1910, os esforços estatais dirigiram-se no sentido de concentrar os grupos Guarani em aldeamentos no interior, com destaque para a área denominada Araribá, ação à qual os indígenas opuseram-se, permanecendo em diversos pontos do Estado, incluindo o litoral, onde se instalou o Posto Indígena do SPI, próximo à aldeia Bananal. O levantamento etno-histórico que subsidiou o GT conta com relatos de indígenas e não-indígenas, bem como de registros na documentação oficial, demonstrando a presença Guarani ao longo do século XX no Vale do Ribeira e no Complexo Estuarino-Lagunar de Iguape, Cananéia e Paranaguá, bem como a conexão sociocultural da região com o território Guarani Mbya - yvy rupa. Nestes dados, a cidade de Cananéia aparece em diversos relatos como lugar com presença Guarani ao longo do século XX. A composição da territorialidade Guarani Mbya foi abordada de diferentes ângulos, com destaque para as dinâmicas multilocais que articulam o conjunto das aldeias na região. As relações de parentesco, a observação dos intensos fluxos interaldeões e a reconstituição de algumas trajetórias de vida apontam que cada terra indígena se constitui como um espaço potencial de habitação para um vasto universo de pessoas e famílias, de modo não aleatório, além daquelas que ali residiam no momento da realização dos estudos. A situação fundiária das terras Guarani Mbya é bastante variada, refletindo a escassez de políticas territoriais ao longo de décadas, revertida apenas recentemente. O acesso e permanência aos espaços para a formação de suas aldeias são dependentes dos arranjos particulares que as lideranças conseguem articular, o que é feito a partir de relações pessoais com proprietários, patrões e agentes públicos, resultando em situações um tanto precárias, expostas a toda sorte de pressões. Disto resulta a grande quantidade de locais com registros de ocupação recente, mas desabitados. Com frequência, os processos de expulsão das famílias são denominados, por aqueles com algum tipo de interesse nas terras, de "abandono". Uma das características da dinâmica sociocultural Guarani Mbya é a procura constante por lugares adequados à formação de aldeias, num amplo espaço geográfico, por diversos grupos familiares. Tal procura, motivada por fatores intrínsecos aos seus usos, costumes e tradições, faz do litoral das regiões sul e sudeste do Brasil um continuum de lugares que servem de suporte mais ou menos duradouro para a construção dos tekoa. A história dos tekoa situados numa região - tal como o Complexo Lagunar-Estuarino de Paranaguá, Cananéia e Iguape, e o Vale do Ribeira - deve ser apreendida em seu conjunto, tomando cada tekoa como a atualização de uma estrutura multilocal, a qual abrange, em última instância, o território Guarani Mbya em sua totalidade - yvy rupa. Assim, a partir desse processo histórico de ocupação de longa duração, na década de 90 do século XX são observados diversos e intensos movimentos de famílias Guarani Mbya na região do Complexo Estuarino-Lagunar de Iguape, Cananéia e Paranaguá. A presença dos Guarani, nos anos 70 e 80 do século XX, em Paranaguá(PR), na Terra Indígena Ilha da Cotianga, na primeira metade dos anos 1990, é estreitamente associada aos movimentos de constituição do Tekoa Tapy'i. O histórico da ocupação Guarani na região é composto por uma miríade de relatos que, para possibilitar a visibilidade da continuidade histórica dos Guarani Mbya no Vale do Ribeira, e para além dele, foi necessário um trabalho de articulação das fontes, o que foi realizado no âmbito deste Grupo Técnico. Contudo, é imprescindível ressaltar que, para além da memória daqueles que constituíram aldeias no litoral, remetendo a pessoas vivas ou falecidas não muito tempo atrás, encontraremos os personagens míticos, que fizeram este mesmo movimento no espaço-tempo de criação do mundo. A presença de divindades, no tempo atual, em regiões do litoral expressa essa dimensão de sua cosmologia, com implicações no baixo investimento das narrativas sobre "os antigos". "Os antigos" são os deuses, e é assim que o litoral adquire significação, de acordo com seus costumes e tradições.

2. Habitação Permanente. As aldeias de uma determinada região geográfica podem ser abordadas como um conjunto geográfico multilocal, aberto às relações com as inúmeras outras aldeias do território Guarani. A proximidade geográfica por vezes é o resultado do movimento de famílias com conexões estreitas. Igualmente, nos casos de famílias que habitam aldeias situadas numa mesma região, mas possuem trajetórias distintas, tal situação, de proximidade, favorece o estabelecimento de alianças através dos casamentos. Tais situações encontram-se presentes na região definida aqui como Complexo Lagunar-Estuarino de Paranaguá, Cananéia e Iguape e do Vale do Ribeira. Nesta região, em 2013, o levantamento realizado contabilizou 19 aldeias ocupadas, para uma população de cerca de 750 pessoas. As informações produzidas pelo GT indicam as redes de parentesco que conectam este conjunto de aldeias. Partindo das pessoas que ocupam posições de referência nos grupos de parentes nas aldeias estudadas, e entendendo apenas algumas de suas relações, observamos os vínculos multilocais no Vale do